

# Aliados reagem às críticas de FH

Governistas acreditam que atitude do presidente poderá prejudicar a votação das reformas

Lydia Medeiros e Mônica Gugliano

BRASÍLIA

As críticas do presidente Fernando Henrique à prática do *lobby* e ao corporativismo no Congresso irritaram parlamentares aliados e poderão dificultar as relações entre o Executivo e o Legislativo. O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), não gostou da atitude de Fernando Henrique no México.

— Atacar o Congresso fora do país não ajuda em nada a imagem do Brasil que Fernando Henrique quer projetar no exterior. O Legislativo tem defeitos, assim como o Executivo também tem os seus. Mas isso é para ser resolvido aqui. O presidente escolheu o México para fazer suas críticas. Me parece que não foi o melhor local, até mesmo porque aquele país não tem um Congresso melhor que o nosso — protestou Sarney.

Líderes governistas disseram ontem que a análise do presidente sobre o sistema partidário e o jogo de interesses no Parlamento é correta, mas tem seus efeitos às vésperas de votações importantes como a da reforma da Previdência. Nessa votação, o Planalto precisará de votos, inclusive de bancadas como a ruralista e a sucro-alcooleira, citadas por Fernando Henrique.

— O presidente está equivocado. O parlamentar não tenta fazer outra coisa senão ajudá-lo a governar. Não somos lobistas. Somos representantes dos que nos elegeram democraticamente, como ele foi eleito. Lobistas são os que não têm mandato e perambulam nos corredores e ministérios para ganhar comissões polpudas — reagiu o deputado Nelson Marquezelli (PTB-SP), representante da Frente Parlamentar da Agricultura, bloco que defende os interesses do empresariado rural no Congresso. Os parlamentares deixaram claro que não estão dispostos a assumir sozinhos o rótulo de lobistas e defenderam-se atacando o Governo. O senador Esperidião Amin (PPB-SC), por exemplo, aconselhou o presidente Fernando Henrique a ter a mesma preocupação com os lobbies em relação ao Executivo.

— Os deputados não são anjos, todos sofrem influências. Mas no Parlamento, pelo menos, o interesse de um é confrontado com o interesse dos outros 583 (deputados mais senadores). O pior é no Ministério, onde não há esse confronto. O presidente deveria ter a mesma preocupação com o Ministério, até porque não é o Parlamento que executa, mas sim o Governo — disse Amin.

A oposição apoiou as declarações do presidente sobre o Congresso, mas também fez questão de lembrar o papel do Executivo no jogo de poder.

— O presidente está coberto de razão quando diz que o Congresso só decide a partir dos próprios interesses. Também tenho dito isso há algum tempo. Mas faltou ao presidente a autocritica do Executivo. O sistema é presidencialista e, se compararmos o quadro dos interesses a um elefante, o Congresso é só o rabinho. Quem libera as verbas e dá andamento aos projetos é o Executivo — disse o líder do PDT, Miro Teixeira.

Em artigo que publicou no GLOBO sexta-feira, Miro já identificara o problema, na mesma linha de raciocínio de Fernando Henrique.

“(…) a maioria dos deputados gravita em torno dos próprios interesses”, escreveu Miro, dizendo que, ao negociar a reforma previdenciária, o presidente mostra que se cansa de “negociar favores com sua base de apoio e decide criar um fato capaz de deixar com o rabo entre as pernas deputados que exigiam nomeações”. E acrescentou, ao analisar a ação do presidente:

“Ele atropela a Câmara dos Deputados e parte para a democracia semidireta, sentando-se à mesa com agentes não governamentais”.

O líder do PMDB, deputado Michel Temer (SP), tentou minimizar as declarações de Fernando Henrique. Segundo ele, o presidente quis criticar o número excessivo de partidos representados no Congresso. Mas, para o líder, a organização de setores no Congresso segundo interesses é natural e democrática:

— Não vejo como evitar isso.

## Presidente volta a Brasília mas fica no Alvorada para descansar da viagem

O presidente Fernando Henrique, que chegou ontem ao meio-dia do México, passou a tarde descansando no Palácio da Alvorada. Também não apareceram no Palácio do Planalto dois dos ministros da Casa, Clóvis Carvalho e Eduardo Jorge. A maioria do Governo enforcou a quarta-feira de Cinzas. O prédio do Congresso ficou às escuras, com cadeados nas portas dos principais acessos. O único som que se ouvia era o dos aspiradores de pó.

Doze dos 16 ministros civis ainda estavam viajando ontem. Apenas Nelson Jobim (Justiça) Paulo Renato (Educação), Odacir Klein (Transportes) e Raimundo Britto (Minas e Energia) estavam em Brasília, pondo os assuntos em dia em despachos internos.

A surpresa foi o grau de comparecimento no outro lado da Praça dos Três Poderes, o Supremo Tribunal Federal, que pela primeira vez nos últimos 20 anos funcionou numa quarta-feira de Cinzas, com sete dos nove ministros presentes.

— Agora esse expediente de quarta-feira de Cinzas será uma rotina aqui. É a primeira vez na história do Supremo que isso acontece — dizia orgulhoso Irineu Tamanini, assessor do presidente do STF, Sepúlveda Pertence.



FERNANDO HENRIQUE é recebido por Marco Maciel na Base Aérea de Brasília. As críticas do presidente ao Congresso, feitas no México, irritaram até parlamentares aliados